

EXEMPLOS DE DEDICAÇÃO AOS BICHOS

O ZOOLOGICO

RESPONSÁVEIS PELOS CUIDADOS AOS ANIMAIS DO ZOO DE BRASÍLIA, OS TRATADORES ACUMULAM DÉCADAS DE TRABALHO E LEMBRAM COM CARINHO EPISÓDIOS DE CUMPLICIDADE E PERIGO ENTRE AS FERAS

VAGNER VARGAS

Os animais são as principais atrações de qualquer zoológico e não poderia ser diferente. Mas, para garantir que esses bichos, muitas vezes espécies raras, possam ser vistos de tão perto, há um enorme trabalho de bastidor. É o momento em que entram em cena os anônimos tratadores, pessoas cujo ofício é fundamental para a sobrevivência das feras e para a alegria dos visitantes. O Jardim Zoológico de Brasília conta com verdadeiras lendas vivas na função, gente que desempenha a tarefa, nem sempre fácil, com a mesma dedicação, por décadas a fio.

É o caso de Walter Pereira Lima, de 63 anos, há 43 responsável pelo trato dos elefantes do zoo. Há tantos anos trabalhando no mesmo lugar, seu Walter, como é conhecido entre os colegas, tem uma ligação especial com os bichos. "São praticamente como filhos, já que estou todo dia alimentando e observando eles", diz o tratador, um dos mais antigos em atividade. "Somos os anjos da guarda deles", define. Seu Walter, em tantos anos de zoológico, já tratou todo tipo de animal, mas sua paixão são os elefantes e os **bichos herbívoros**. Segundo ele, essas espécies que só comem folhas são mais sensíveis e têm mais capacidade para captar as coisas. Hoje, os xodós dele são os elefantes Babu e Bela, ambos de 15 anos, mas a primeira paixão foi a atração que inaugurou o zoo: a elefante Nely.

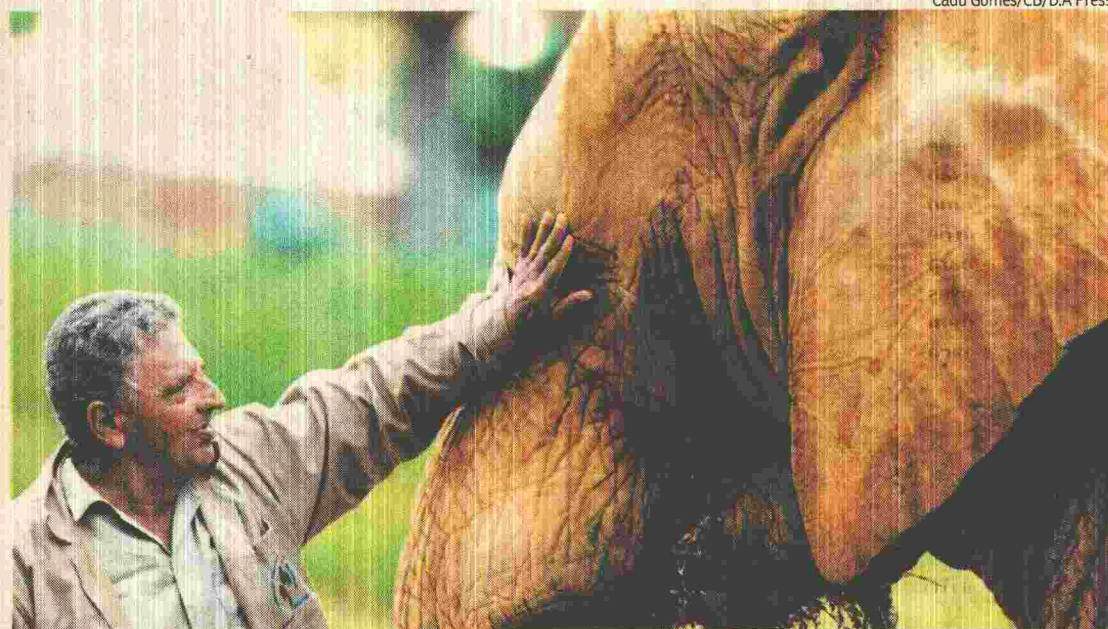
Seu Walter fazia shows para os visitantes com a elefante, como se estivesse em um circo. "Tinha pouca diversão na cidade, então sempre tinha gente assistindo. Era bom para o público e para a Nely", lembra, ao falar com

saudade da conexão com a companheira. "O apego era tanto que, quando minha esposa e minha filha falavam comigo, ela (Nely) as tirava de perto com a tromba porque sentia ciúmes. Ela deixou um vazio grande na minha vida, mas aprendi muito. Sou privilegiado por poder trabalhar aqui."

PATA NA CABEÇA

Outro que revive boas memórias do início do zoo é o tratador Davino Cardoso da Silva, 70 anos. Prestes a completar 43 de zoológico, ele conta boas histórias do que Nely aprontava com os tratadores, principalmente com Walter. "Ele deitava no chão e ela ficava em cima, fazendo sombra. Além disso, Nely colocava a pata na cabeça dele e ele quase entrava dentro da boca dela, tudo de brincadeira", recorda. Davino também tem saudades dos primeiros passos do zoo. "Tinha mais gente do que hoje. Um bonde rodava aqui dentro o dia todo. Foi uma época boa demais."

Mesmo contabilizando tantas décadas de trabalho árduo — seu Walter chega diariamente às 6h30 ao zoo e não tem hora para sair —, o tratador garante que não pensa em desfrutar da aposentadoria e abandonar os animais. "Enquanto eu puder ajudar, pretendo continuar aqui. Tudo é um aprendizado", diz. Um dos episódios inesquecíveis na vida de Walter envolveu uma girafa que abortou um filhote e teve complicações. Segundo ele, o animal não conseguia expulsar a placenta e precisou da ajuda do veterinário para removê-la. "Quando tiramos a placenta, ela passava a língua no meu braço. Parecia em agradecimento, tamanha a dor que sentia. É um momento que mostra o sentimento do animal e isso é uma das coisas mais gratificantes de poder trabalhar com eles."



O tratador Walter Pereira Lima brinca com o elefante: "São praticamente nossos filhos"

Influência direta

Acostumado a lidar com animais que só se alimentam de folhas, Walter Pereira Lima resolveu seguir os mesmos princípios. Há mais de 20 anos, tirou a carne da própria dieta pensando no convívio com os bichos. "Se como carne, fica o cheiro. Por isso, só como soja", explica o tratador, enquanto brinca e acaricia os elefantes.

Memória

Mais velho que a capital

O Jardim Zoológico transformou-se em uma das atrações de Brasília antes mesmo da inauguração da capital federal. Criado em 6 de dezembro de 1957, teve as portas abertas à visitação pelo então presidente Juscelino Kubitschek e logo se tornou o ponto de encontro e diversão dos trabalhadores candangos. Localizado em uma área de 149 hectares no meio do cerrado, contou apenas com uma única atração no primeiro dia: a elefante indiana Nely, de 17 anos. O animal tornou-se um símbolo da cidade, graças aos shows que protagonizava. Em 1994, quando faleceu, aos 54 anos, a elefante teve uma prova do apego que desfrutava entre os brasilienses. "Quando adoeceu, o nível de mobilização da sociedade foi muito alto. Chegaram a disponibilizar um avião particular para buscar um remédio em São Paulo", lembra Raul Gonzales, diretor do zoo há 19 anos. Nos anos 1990, o lugar deixou de ser apenas uma referência de lazer e transformou-se em fonte de educação e pesquisa. Atualmente, 33% das espécies ali preservadas se reproduzem com sucesso.

Curiosidades

- O Jardim Zoológico de Brasília possui 1.300 animais de 300 espécies diferentes.
- São 193 espécies da fauna brasileira e 107, da exótica.
- Para manter o zoo, são gastos R\$ 1 milhão por mês, sendo 62% desse dinheiro apenas para manutenção.
- Os animais consomem 39 toneladas de alimentos todo mês.
- Cerca de um milhão de pessoas visitam o zoo anualmente.

MENOS CONTATO, MAIS CUIDADO

Enquanto o colega Walter brinca, acaricia e dá comida na boca de elefantes, girafas, zebras e outros animais, Antônio Paulo, 47 anos e 29 deles no Jardim Zoológico, não pode fazer o mesmo. Responsável pela área dos grandes felinos e dos primatas, a relação dele com os animais é muito menos amistosa e exige respeito com o instinto de cada um. "Não tem amizade com eles. Se tiver, não conto história depois. Tem que conhecer os limites", ensina, enquanto mostra as feras de que cuida: onças, leões e tigres.

Na área das onças pintadas, Antônio mostra o procedimento diário dos tratadores. Sempre trabalhando em dupla, eles contam com espelhos de segurança para se certificarem de que os animais não estão soltos antes de entrar para fazer a limpeza e soltar as feras. "A onça é um dos mais perigosos. Elas são muito traiçoeiras e agressivas. A qualquer vacilo, metem a pata", explica, mostrando a cicatriz próxima ao pescoço, fruto de um susto em um momento de descuido. "Elas atacam direto na jugular."

No total, o zoológico conta com seis onças, três machos e três fêmeas. Mas, se os adultos não inspiram confiança, Antônio sente orgulho dos filhotes. Segundo as contas do tratador, ele já ajudou a criar mais de 140 felinos. "Até os cinco meses, colocamos no colo e passeamos com eles pelo zoológico como se fossem cachorrinhos", relata.

Matriarca no ambiente das onças, a "vovó" Juma, com 22 anos, deixará sua marca na história do zoo. A felina trouxe ao mundo nada menos que 18 filhotes.